

## ***What nós temos de Halloween? Entre as narrativas e reflexões de uma ação extensionista na Universidade do Estado da Bahia em Seabra.***

*Raphaella Silva Pereira de Oliveira<sup>47</sup>*

### **RESUMO**

O presente trabalho apresenta uma reflexão da experiência do projeto de extensão intitulado *What nós temos de Halloween?* desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Seabra (*campus XXIII*), durante os anos de 2014 a 2018, a partir da iniciativa de estudantes do curso de Letras Língua Inglesa e suas respectivas literaturas. O objetivo, discutir as ações da atividade durante os anos mencionados e ainda avaliar seus impactos acadêmicos e sociais. Compreendendo as relações de poder existentes na relação entre culturas, o projeto buscou conhecer a cultura do “Outro”, nesse caso, a estrangeira, do Halloween, sem perder de vista a própria cultura, nesse caso, as histórias que exploram o medo e o susto da Chapada Diamantina. As vozes de Stuart Hall (2005), John Corbett (2003) e Michael Byram, Bella Gribkova e Hugh Starkey (2002) foram convocadas para as reflexões sobre a cultura e a dimensão intercultural, perspectiva teórica que sustentou as ações da atividade. Documentos normativos da Universidade do Estado da Bahia também foram requeridos para compreensão de alguns aspectos da natureza da extensão na universidade. Este trabalho, não prescritivo, busca inspirar as práticas docentes em língua inglesa que primem pelo desenvolvimento da competência intercultural tanto na formação docente quanto em sala de aula da educação básica, fomentando a compreensão intercultural interligada ao desenvolvimento das habilidades comunicativas.

**Palavras-chave:** Projeto de extensão. Língua Inglesa. *What nós temos de Halloween?* Interculturalidade. Impactos acadêmicos e sociais.

*¿Me importa Halloween? Entre las narraciones e reflexiones de una acción de extensión de la Universidad Estatal de Bahia em Seabra.*

### **RESUMEN**

Este trabajo presenta un reflejo de la experiencia del proyecto de extensión “¿Me importa Halloween?” desarrollado en la Universidad Estatal de Bahía (UNEB) en Seabra (*campus XXIII*) durante los años 2014 a 2018, basado en la iniciativa de los estudiantes del curso de inglés y sus respectivas publicaciones. El objetivo es discutir las actividades de la actividad durante los años mencionados y también evaluar sus impactos académicos y sociales. Al comprender las relaciones de poder existentes en la relación entre culturas, el proyecto buscó aprender sobre la cultura del "Otro", en este caso, la cultura extranjera, de Halloween, sin perder de vista la cultura misma, en este caso, las historias que exploran el miedo y el susto de Chapada Diamantina. Así, las voces de Stuart Hall (2005), John Corbett (2003) y Michael Byram, Bella Gribkova y Hugh Starkey (2002) fueron invitados a reflexionar sobre la cultura y la dimensión intercultural, una perspectiva teórica que apoyó las acciones del proyecto. También se

<sup>47</sup> Raphaella Silva Pereira de Oliveira - Mestre em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia. Professora de língua inglesa na Secretaria Municipal da Educação do Salvador (SMED) e professora substituta no curso de Língua Inglesa e suas literaturas na UNEB, *campus XXIII*, Seabra. Pesquisadora vinculada ao grupo Desleituradas. E-mail: rpoliveira22@gmail.com

requirieron documentos normativos de la Universidad Estatal de Bahía para comprender algunos aspectos de la naturaleza de la extensión en la universidad. Este trabajo no prescriptivo busca inspirar prácticas de enseñanza en inglés que se destaquen en el desarrollo de la competencia intercultural tanto en la formación docente como en el aula de educación básica, fomentando la comprensión intercultural vinculada al desarrollo de habilidades comunicativas. **Palabras clave:** Proyecto de extensión. Idioma en Inglés. *¿Me importa Halloween?* Interculturalidad. Impactos académicos y sociales.

*Are we part of Halloween? Among narratives and reflections about an extension action developed in State University of Bahia in Seabra.*

### ABSTRACT

This work presents a reflection of the experience of the extension project “Are we part of Halloween?” developed at the State University of Bahia (UNEB) in Seabra (campus XXIII) during the years 2014 to 2018, based on the initiative of students of the English Language course and their respective literature. The objective is to discuss the activities of the project during the mentioned years and also evaluate its academic and social impacts. Understanding the power relations existing in the relationship between cultures, the project sought to learn about the culture of the “Other”, in this case, the foreign culture, of Halloween, without losing the sight of the culture itself, in this case, the stories that explore fear and the scare of Chapada Diamantina. Thus, the voices of Stuart Hall (2005); Michael Byram, Bella Gribkova, Hugh Starkey (2002), John Corbett (2003) were invited to reflect on culture and the intercultural dimension, a theoretical perspective that supported the activities actions. Normative documents from the State University of Bahia were also required to understand some aspects of the nature of extension at the university. This non-prescriptive work seeks to inspire teaching practices in English that excel in the development of intercultural competence both in teacher training and in the classroom of basic education, promoting intercultural understanding linked to the development of communicative skills.

**Keywords:** Extension project. English language. *Are we part of Halloween?* Interculturality. Academic and social impacts.

### Prelúdio

Este relato de experiência intenta compartilhar, com quem nos lê, o percurso do projeto de extensão *What nós temos de Halloween?*<sup>48</sup> realizado durante os anos de 2014 a 2018 na Universidade do Estado da Bahia, no *campus XXIII*, situado em Seabra. Essa escrita apresenta o desafio de resgatar as ações da atividade, ao passo que deseja visibilizar os sujeitos que tiveram envolvimento com esse processo, bem como avaliar os impactos sociais e acadêmicos

---

<sup>48</sup> Coordenado pela professora mestra Raphaella Silva Pereira de Oliveira. Vice-coordenação: professora mestra Aline Nery dos Santos.

identificados nessa trajetória. Devido à aproximação de quem escreve o texto com a experiência em questão, essa não foi uma tarefa fácil, mas necessária, tendo em vista a licença da pesquisa-ação, na qual a intervenção é fruto da reflexão e da avaliação dos resultados alcançados em sua execução (LEWIN, 1978). Para tanto, esta escrita foi amparada nas “memórias do projeto”, a saber: relatórios de coordenação e monitoria, fotos, *releases*, página oficial da atividade no *Facebook*<sup>49</sup>, além do escrito inicial que dera o ponto de partida à ação extensionista.

De acordo com a seção IV, artigo 152, do Regimento da Universidade, “a extensão será entendida como processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável com o objetivo de garantir a relação transformadora entre Universidade e Sociedade” (UNEB, 2012, p. 67). São consideradas ações extensionistas: programas, projetos, cursos, eventos e prestação de serviços<sup>50</sup>. Os projetos, por sua vez, são entendidos como:

conjunto de ações contínuas, de caráter educativo, cultural, artístico, científico e tecnológico que envolvam docentes, pesquisadores, discentes (bolsistas e voluntários), servidores técnicos – administrativas e pessoas da comunidade, com objetivo, carga horária e prazo determinado. (UNEB, 2016, p. 2).

Na Universidade do Estado da Bahia, ações de extensão estão vinculadas à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX)<sup>51</sup>.

O projeto *What nós temos de Halloween?* foi devidamente cadastrado no Núcleo de Pesquisa e Extensão e Sistema Integrado de Planejamento (SIP) da Universidade do Estado da Bahia<sup>52</sup>, compreendendo uma carga horária total de sessenta horas para quem participasse de todas as suas etapas, que serão doravante apresentadas<sup>53</sup>. Essas atividades ocorreram com o intuito de alcançar a comunidade unebiana e seabrense, por meio de palestras, cine-debates, intentando estabelecer relações interdisciplinares, tendo a literatura como ponto de partida. O exercício interdisciplinar deu-se de forma mais profícua com a inserção de estudantes dos demais cursos que existiam no *campus* à época, a saber, Língua Portuguesa e suas literaturas e

<sup>49</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/whatnostemosdehalloween/>. Acesso em: [13. mai.2020].

<sup>50</sup> (UNEB, 2012; 2016; 2019).

<sup>51</sup> Órgão da Administração Superior da UNEB. É responsável pelo gerenciamento, assessoramento, controle e avaliação das ações relacionadas com as funções sociais, culturais e artísticas de natureza extensionista da Universidade, integrando o ensino, a pesquisa e a extensão. (UNEB, 2012, p. 29).

<sup>52</sup> Os documentos normativos da UNEB descrevem que as atividades de extensão serão desenvolvidas “pelos Departamentos, Núcleos de Pesquisa e Extensão (NUPES) e, subsidiariamente, pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), Órgãos Suplementares e de Apoio Acadêmico-Administrativo, atendendo às diretrizes gerais traçadas pelo CONSU, ouvido o CONSEPE.” (UNEB, 2012, p. 67). Informa, ainda, que essas ações deverão estar cadastradas na plataforma do Sistema Integrado de Planejamento (SIP). (UNEB, 2016).

<sup>53</sup> Em sua primeira edição, a ação contava com uma carga horária menor, mas devido ao acréscimo de atividades, essa carga foi ampliada.

Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. O apoio da gestão, corpo técnico e docente da UNEB-Seabra foi crucial para o desenvolvimento da ação, que crescia a cada ano.

No momento de sua emergência, as propostas desenvolvidas pelo projeto tinham como referência teórica os escritos de Stuart Hall (2005), Homi Bhaba (2010) e Nestor Canclini (2011) sobre hibridismo cultural, que pode ser percebido, em uma primeira análise, como a mistura de diferentes matrizes culturais. Na conjuntura do curso de Letras – Língua Inglesa do *campus XXIII*, localizado em Seabra, município da Bahia, a proposta remeteu-se aos encontros possíveis entre a cultura da Chapada, suas histórias de medo, sua vegetação, seu folclore, e os elementos do *halloween*, uma festa de tradição de alguns países falantes da língua inglesa, como a Irlanda e os Estados Unidos da América.

Contudo, à medida que a proposta amadurece, o grupo passa a incorporar a perspectiva intercultural ao refletir sobre suas atividades. Quando se pensa a dialética da integração cultural entre países distintos, há que se perceber as particularidades e as diferenças entre essas culturas, pois as identidades sociais estão relacionadas à cultura (BYRAM; GRIBKOVA; STARKEY, 2002). Desse modo, a globalização e a hegemonia da(s) cultura(s) de língua inglesa devem ser consideradas nos aspectos de aproximações culturais.

Essa narrativa deseja inspirar os/as docentes de língua inglesa à prática de um ensino intercultural, no qual os costumes do outro possam ser fonte de enriquecimento das culturas envolvidas no processo. Isto é, incentivar os intercâmbios culturais, além de promover a literatura nas salas de aula da Educação Básica, apresentando-a como ponto articulador para o aprimoramento das habilidades comunicativas e estudos sobre as culturas nas classes. Intenta ainda fomentar a aproximação entre a universidade e a escola, no sentido de dialogar com essa comunidade e conjuntamente promover ações de intervenção pedagógica. Além disso, busca a aproximação entre a universidade e a comunidade a qual ela faz parte, a partir da integração dos estudos e dos saberes locais.

### ***“What nós temos de halloween?” E suas teias teóricas***

A cultura diz respeito à “humanidade como um todo, e ao mesmo tempo, a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos” (SANTOS, 1983, p. 7). Ao entender que a globalização tem sua faceta representada na cultura, de modo que países e costumes se aproximam na velocidade de um “clique”, o consumo de culturas estrangeiras tornou-se um fenômeno acessível devido à propagação global dos meios de comunicação de massa.

No que tange à festa do *Halloween*<sup>54</sup>, embora seja uma celebração de origem celta, ela populariza-se como uma festividade norte-americana, sendo celebrada em diferentes países, falantes ou não de língua inglesa, como é o caso do Brasil. Tendo como data celebratória o dia 31 de outubro, o evento tornou-se difundido no país sobretudo por meio dos cursos de idiomas de língua inglesa e escolas. Seguindo a tradição moderna do *Halloween*, porém com seu toque “abrasileirado”, crianças e jovens costumam fantasiar-se na data para participarem de festejos regados a músicas e guloseimas.

Como uma forma de resistência à festa de cultura estrangeira, no ano de 2003, é proposto o projeto de lei federal nº 2.762, que torna o dia 31 de outubro uma data de celebração ao dia do Saci<sup>55</sup>. A intenção do projeto é enaltecer o folclore brasileiro e suas figuras representativas no lugar das figuras mitológicas da cultura de língua inglesa. Tal ação gerou debates calorosos entre as pessoas que apoiavam o projeto e aquelas que o consideravam uma medida extremista.

Nesse embate cultural, residem as fontes de pesquisa e aprofundamentos teóricos do projeto *What nós temos de Halloween?*, ou seja, na relação entre as culturas, como elas interagem, como interagimos com ela e, mais ainda, quais as relações de poder existentes entre as culturas. Considerando que a ação nasce a partir da provocação estudantil (adiante descrito), compreender a relação da cultura e esses sujeitos – estudantes de um curso de língua inglesa – também se faz necessário para mergulhar na natureza teórica da proposta.

Stuart Hall chama a atenção para o conceito de identidade cultural, a qual o autor relaciona com a identidade nacional (HALL, 2005). Para ele, essa identidade nacional é uma construção discursiva, elaborada pela produção de sentidos com os quais nos identificamos, seguindo um sistema de representação cultural, sendo este um dispositivo da chamada modernidade. Segundo as palavras do autor:

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. (HALL, 2005, p. 50).

O discurso da identidade nacional, fortalecido por meio das identificações e da tradição, é abalado pela globalização, sobretudo ao final do século XX. Com as facilidades da internet,

---

<sup>54</sup> Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151029\\_origem\\_halloween\\_rb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151029_origem_halloween_rb). Acesso em: 26 abr. 2020.

<sup>55</sup> Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Curiosidades/noticia/2019/10/dia-do-saci-por-que-comemorar-ou-nao-lenda-brasileira-no-dia-das-bruxas.html>. Acesso em: 26 abr. 2020.

as redes de informação criaram “caminhos” para encurtar as distâncias entre países e, conseqüentemente, entre culturas. Assim, “os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de ‘identidades partilhadas’ – como consumidores para os mesmos bens” (HALL, 2005, p. 74). Na relação desses fluxos, a identidade nacional é fragmentada a partir do contato com outras culturas – ou do “bombardeio de informações” sobre determinada cultura.

Essa tensão entre o efeito do local e o global sobre a identidade surgiu ante ao desafio de pensar uma ideia que envolvesse a festa do *Halloween* em Seabra, localizada na Chapada Diamantina. O resultado entre os encontros culturais que ocorrem através dos fluxos não são possíveis de prever, porém, a partir da análise da relação entre as culturas, da mediação realizada pelo indivíduo que está em contato com elas, é possível que o resultado seja o enriquecimento cultural, uma perspectiva da abordagem intercultural no ensino e a aprendizagem de uma segunda língua.

Tal abordagem busca integrar a cultura ao ensino de línguas e das habilidades comunicativas, apontando que compreender a cultura do outro, nesse caso, a de língua inglesa, permite ao/a aprendiz interagir como mediador/a cultural, que entende a língua e o comportamento do “outro”, sendo capaz de comunicar-se, ao passo que compreende também a sua cultura (CORBETT, 2003). Nesse sentido, age como um/a “tradutor/a” entre o seu local e o global, sendo esta uma competência intercultural.

De acordo com Byram e Grundy (2003), os saberes culturais no ensino e na aprendizagem de línguas é geralmente compreendida (pragmaticamente) como aquela que está associada ao idioma que está sendo ensinado/aprendido. Entretanto, para a abordagem intercultural, tanto a realidade na qual o/a aprendiz está inserido/a quanto a estrangeira é passível de análises, a fim de desenvolver a criticidade. Além disso, prima pelo reconhecimento da diversidade entre as nações, as línguas e as variantes dessa língua. Sob esse aspecto, é observado que “aprender uma segunda língua, ou uma língua estrangeira, não requer que o indivíduo pratique apenas formas linguísticas, mas também é necessário familiarizar-se com a cultura da língua alvo com a finalidade da interpretação intercultural” (ALI; KAZEMIAH; MAHAR, 2015, p. 2, tradução nossa)<sup>56</sup>.

---

<sup>56</sup> “The process of learning a second or foreign language not only requires an individual to practice linguistic forms but also necessitates to become familiar with the culture of target language in order to interpret intercultural communication”. (ALI; KAZEMIAH; MAHAR, 2015, p. 2).

No contexto do projeto *What nós temos de Halloween?*, primar pela compreensão intercultural foi crucial ao buscar estabelecer relações entre os costumes chapadenses, o folclore e o *Halloween*, pois, à medida que os/as estudantes conheciam os mitos, as simbologias e as tradições de países falantes de língua inglesa sobre a festividade, interpretavam e compreendiam o funcionamento das suas marcas regionais. Essa visão teórica foi compartilhada com os acadêmicos, docentes em formação do curso de Letras - Língua Inglesa e suas respectivas literaturas, mediante oficinas e palestras.

As reflexões sobre as relações de poder entre as culturas envolvidas no projeto também eram objeto dos debates nas formações ocorridas; desde o título da atividade, essa tensão era colocada. Desse modo, refletíamos também sobre a nossa história, nossa cultura e nossos modos de preservação. Além disso, a ação buscava: a) refletir os tensionamentos da relação entre a festa advinda de uma cultura de língua inglesa e os possíveis (des)encontros com o folclore brasileiro, agregando ainda o inóspito da Chapada Diamantina; b) compreender os processos de hibridismo cultural e as formas de transformar esse hibridismo em enriquecimento cultural<sup>57</sup>; e c) estender esse entendimento acerca das relações de hegemonia de potências cujo inglês é o idioma oficial e seus reflexos nos modos de produção cultural de outras nações.

Nesse ponto, cabe dizer que os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000) e as Orientações para o Ensino Médio na Bahia (BAHIA, 2015) já apontavam para a ênfase na relação entre a cultura local e a do “outro” como pontos de reflexão em aulas de língua estrangeira. Ademais, a atual Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) enfatiza a abordagem intercultural de ensino ao perceber o inglês como língua franca, ou seja, a língua de comunicação entre indivíduos de nações distintas no mundo globalizado e, como tal, falada por nativos e não nativos.

Na visão intercultural, o *accent* do autóctone não é o padrão a ser alcançado por quem aprende a língua (CORBETT, 2003). O inglês, nesse sentido, é o idioma de comunicação entre pessoas de nacionalidades distintas, com identidades distintas. Ocorre que invariavelmente esse contato entre nações coloca em contato também as culturas. O projeto *What nós temos de Halloween?* inscreve-se no lugar de reconhecimento onde as aproximações culturais podem não

---

<sup>57</sup> Para Caneline (2011), o hibridismo rompe com a ideia de pureza. Esse encontro, que também é o embate entre duas culturas, ocorre de maneira dialógica e é resultado do contato com o outro e do deslocamento dos bens simbólicos. Seguindo esse pensamento, não podemos mais falar em cultura, mas em culturas, que inclusive se (re)significam e/ou (re)existem através do contato ou choque de culturas, que são possibilitadas tanto por meio do movimento de diáspora do(s) sujeito(s) como pelos meios de comunicação de massa, que recai sobre o processo da globalização.

só influenciar os indivíduos como também criar novos modos de cultura e produção cultural; nesse caso, histórias que envolvem a cultura nacional, mais ainda, a chapadense, sem fechar os olhos ou negar a cultura do “outro”.

Dando ênfase à formação de professores/as em língua inglesa, o projeto precisava não apenas apresentar teorias que envolvem cultura e interculturalidade mas também demonstrar na prática a ocorrência desse processo, visto que, em um futuro próximo àquele momento, esses estudantes estariam desenvolvendo nas escolas as atividades correspondentes à ação. Assim,

desenvolver a dimensão intercultural no ensino de línguas envolve reconhecer os objetivos que são: desenvolver nos aprendizes a competência intercultural bem como a competência linguística; prepará-los para interagir com pessoas de outras culturas, qualificá-los para entender e aceitar pessoas de diferentes culturas com outras perspectivas, valores e comportamentos; e ajudá-los a perceber a interação como uma experiência enriquecedora. (BYRAM, GRIBKOVA, STARKEY 2002, p. 10, tradução nossa)<sup>58</sup>.

Josilene Mariz pontua que “mesmo que pareça pertencer a qualquer lugar, contendo registros e características distintas, a literatura pode ainda ser vista como uma marca peculiar de cada sociedade” (MARIZ, 2007, p. 76). A autora evidencia, assim, que a literatura é uma forma de acessar a cultura, logo, seguindo tais pressupostos, tomamos as expressões literárias como ponto de partida para desenvolver as atividades propostas a cada edição do *What nós temos de Halloween?*

O principais objetivos eram, dentre outros, aprofundar esses debates em oficina, produzir textos e compartilhar, com a comunidade acadêmica e seabrense, as questões discutidas sobre a festa do *Halloween*, bem como sobre as histórias e a cultura do fantástico local. Dessa forma, quais resultados poderiam advir do choque entre esses processos foi o desafio apresentado nesse projeto.

O fantástico é entendido como um gênero literário que surge entre os séculos XVIII e XIX, envolvendo temáticas como o medo, o terror, o insólito ou seguindo a compreensão de Tzevetan Todorov:

---

<sup>58</sup> developing the intercultural dimension in language teaching involves recognising that the aims are: to give learners intercultural competence as well as linguistic competence; to prepare them for interaction with people of other cultures; to enable them to understand and accept people from other cultures as individuals with other distinctive perspectives, values and behaviours; and to help them to see that such interaction is an enriching experience. (BYRAM; GRIBKOVA; STARKEY, 2002, p. 10).

O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural. O conceito de fantástico se define pois com relação ao real e imaginário, e estes últimos merecem algo mais que uma simples menção. (TODOROV, 1980, p. 15-16).

Assim, os estudantes do curso de língua inglesa lançaram-se na busca/resgate dessas histórias locais. Nesse ponto, as conversas com os antigos da região foi fundamental, afinal, na mente dos mais velhos, residem as tradições, os mitos, a sabedoria que é passada oralmente para as gerações posteriores.

### Modus Operandi

O projeto *What nós temos de Halloween?* desenvolvia suas proposições entre os meses de outubro e novembro. Durante esse período, três ações principais eram executadas a fim de mobilizar a comunidade acadêmica e a sociedade seabrense, sobretudo o alunado da educação básica. Cada ano contava com um tema que envolvia a literatura e norteava as atividades que ocorriam exatamente na seguinte ordem:

- a) **Oficina(s) de formação sobre a temática:** cujos produtos eram apresentados na noite cultural. É importante destacar que essas oficinas ocorriam no espaço da UNEB, mas posteriormente passaram a ocorrer nas escolas e em espaços não formais<sup>59</sup> de educação, estabelecendo uma relação de maior aproximação com a comunidade seabrense;
- b) **Palestras ou cine-halloween:** sempre ocorriam no espaço da UNEB<sup>60</sup>, porém o *cine-halloween*, que tratava de exposições filmicas com posterior debate, ocorreu também no espaço escolar, sendo esse o primeiro passo de aproximação com as unidades escolares local;
- c) **Noite cultural:** o último e mais esperado momento para o público e para os demais

---

<sup>59</sup> Maria da Glória Gohn entende educação não formal como “um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade.” (GOHN, 2014, p. 40). A autora ainda destaca que “os programas e projetos da educação não formal devem cruzar, atuar e potencializar a educação formal, não como mera complementação, mas como diretriz estruturante.” (GOHN, 2014, p. 42).

<sup>60</sup> Todas as edições ocorreram na antiga sede da UNEB, localizado na rua Padre Justiniano Costa, S/N, Seabra – BA. No ano de 2019, a universidade ganhou espaço próprio, situado na rua Francisco Costa, nessa cidade.

envolvidos, no qual as produções das oficinas eram expostas, as pessoas vestiam suas fantasias<sup>61</sup>, pintavam os corpos e ocorria o baile *Halloween*, chamado ainda de *Monster Party*. Em todos os anos, o evento aconteceu no auditório Mestre Didi, localizado no *campus* XXIII da UNEB.

A seguir, apresentamos um quadro contendo o tema de cada edição do *What nós temos de Halloween?*, um resumo das ações realizadas a cada ano do projeto e os produtos culturais, materiais obtidos:

Quadro 1 – Resumo das edições e atividades desenvolvidas pelo projeto *What nós temos de Halloween?*

EDIÇÃO/TEMA/ANO	AÇÕES	RESULTADOS/PRODUTO(S)
<b>I edição: Chapada <i>ghost stories</i> (2014) – levantamento das histórias que envolvem o fantástico da Chapada Diamantina e a sua reescrita para a língua inglesa</b>	Oficina identidade e cultura;	Roda de contação das histórias de terror da Chapada. (Turma de língua inglesa e suas literaturas 2013.2). Contou com a presença de técnicos, gestão, estudantes de língua inglesa e de comunicação social, bem como egressos da UNEB – Seabra.
	Noite cultural	
<b>II edição: <i>Halloween</i> ou dia do Saci? (2015) – histórias do folclore e o choque cultural com o <i>Halloween</i></b>	Oficinas de confecção de fanzines <sup>62</sup> – participação da comunidade acadêmica e de estudantes do ensino médio;	Foram reescritas e transformadas em fanzines as histórias: a) A Porca de Ouro ( <i>The Golden Pig</i> ); b) O Lobisomem da Rua do Amor ( <i>The Werewolf of Love Street</i> ); c) A Mulher de Branco ( <i>Woman in White</i> ); d) Tabuleiro Ouija – Jogo do Compasso ( <i>Lights out!</i> ). Esses materiais foram distribuídos para a comunidade acadêmica e seabrense, além de cópias para o NUPE da UNEB, <i>campus</i> XXIII. (Turma de língua inglesa e suas literaturas 2013.2).
	Palestra sobre Formação das Identidades Culturais;	Exposição <i>Halloween</i> e dia do Saci (Turma de língua inglesa e suas literaturas 2015.1).
	Noite cultural	Performance Atos de Quatro propuseram uma releitura de contos retratados nos zines. Para fechar o espetáculo, foi reproduzida a música <i>Thriller</i> , de Michael Jackson, contando com a participação de todos que assistiam.

<sup>61</sup> Embora o uso da fantasia não fosse obrigatório, sem dúvidas tratava-se de um momento de grande expectativa para quem participava do baile *Halloween*.

<sup>62</sup> Ministrada por Dánski Lutrida, jornalista, produziu o fanzine “Oxe, pra que cordel fantasiado assim? É pra mostrar *What nós temos de Halloween?*” distribuídos para os participantes da oficina.

		(Turma de Letras Língua Portuguesa e suas literaturas 2013.1)
<b>III edição: Edgar Allan Poe (2016) – evidenciou as obras do autor nas ações desenvolvidas</b>	Oficina de teatro realizada na Universidade do Estado da Bahia (06 encontros);	Peça teatral: O gato preto no sertão <sup>63</sup> (estudantes da UNEB – Seabra, direção do agitador cultural seabrense Ioia Brandão) Criação da página do evento no Facebook – na qual eram divulgadas, além de aspectos históricos culturais sobre o <i>Halloween</i> , informações literárias sobre o escritor homenageado.
	Cine- <i>Halloween</i> : Lígéia;	
	Noite cultural	
<b>IV edição: Harry Potter e Sítio do Pica Pau Amarelo (2017)</b>	Oficinas ministradas por docentes e estudantes tendo a temática como tema transversal – contou com o público da comunidade acadêmica e estudantes da rede básica e pública de ensino;	Exposição dos produtos das oficinas: <i>creepy</i> pasta, fotografia digital, vídeo, cosplay, reescrita e leitura em língua inglesa. Audição noite na taverna (estudante e docentes de Letras Língua Portuguesa e suas literaturas e docentes de Língua Inglesa e suas literaturas)
	Cine- <i>Halloween</i> : Animais fantásticos (UNEB e escolas da educação básica e pública na cidade);	
	Noite cultural	Performance <i>Noche de Muertos</i> - México (turma de Comunicação Social com habilitação em jornalismo 2014.2).
<b>V edição: <i>Gothic Girls</i> (2018). Evidenciou as escritoras do período gótico e obras produzidas por mulheres com características dessa fase.</b>	Parceria com o projeto #Leia mais mulheres;	
	Oficinas promovidas por estudantes de língua inglesa da UNEB nas escolas públicas da rede básica de ensino seabrense e programa Universidade Para Todos;	Exposição dos produtos das oficinas: escrita criativa, técnicas de leitura em língua inglesa, criação de fanzines, releitura e reescritas de contos clássicos para o gênero gótico;
	Palestra: Mulheres e o gótico em língua inglesa: criadoras e criaturas;	Painel: <i>Afro American Women in Horror Stories</i> – intervenção do projeto <i>The uses of translation: black feminism and womanism as response to racism</i> <sup>64</sup> .
	Noite cultural	

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>63</sup> Roteiro do estudante do curso de Língua Inglesa e suas Literaturas (UNEB), Rodolfo Caion Lago Silva.

<sup>64</sup> Projeto desenvolvido na UNEB Seabra de 2017 a 2018, beneficiado pelo edital 040/2018 da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas (PROAF).

## **Avaliação dos impactos**

Ao longo de suas cinco edições, o projeto *What nós temos de Halloween?* buscou fomentar a formação teórica e a prática estudantil no desenvolvimento da competência da interculturalidade. Assim, primando pela natureza extensionista, buscou dialogar e traçar intervenções junto à comunidade seabrense, tendo como principal reflexo a abertura das escolas da rede básica de ensino para as intervenções do projeto. Devido à ação da noite cultural, algumas pessoas relataram que adentraram o espaço da UNEB-Seabra pela primeira vez.

Houve tessituras entre a UNEB/Seabra e outros *campi* da UNEB na oferta das atividades como: *campus* Irecê (oficina de *cosplay*); *campus* Jacobina, através da participação de docentes do curso de Língua Inglesa e suas Literaturas do *campus* IV. O alinhamento com o #Leia mais mulheres<sup>65</sup> na última edição, em 2018, *What nós temos de Halloween? Gothic Girls*, revelou-se uma parceria frutífera na promoção da literatura na educação básica através das oficinas ministradas nesses espaços.

Ao longo da história do projeto, como resultados das atividades promovidas, foram produzidos e distribuídos cinco títulos de fanzines, cujas cópias foram disponibilizadas ao NUPE, um roteiro de peça teatral, doze oficinas e um outro tanto de experiências, conhecimentos, parcerias e cumplicidades, cuja escrita não é capaz de qualificar ou quantificar. Dentre os principais ganhos, destacamos o envolvimento estudantil e as ações junto às escolas da rede básica de ensino em Seabra e espaços de educação não formal.

## **Vivo ou morto, todo mundo aparece<sup>66</sup>! Envolvimento estudantil e suas produções**

Como já mencionado anteriormente, a escrita do projeto *What nós temos de Halloween?* foi a resposta à convocação da turma de 2013.2 do curso de Letras – língua Inglesa e suas literaturas da Universidade do Estado da Bahia em Seabra. O projeto já “nasce” com o sentimento de pertença dos estudantes, o qual foi estendido para as turmas vindouras e não menos importantes: 2015.1 e 2016.1. Destacar essas turmas é necessário, pois, além de estarem à frente do processo de cada edição, foram elas também a força motriz para a continuidade da atividade, tanto em termos de produção intelectual e material quanto por serem os principais mantenedores das ações desenvolvidas com as escolas de educação básica, que se deu por

<sup>65</sup> Projeto de extensão desenvolvido pela professora Dra. Juliana Cristina Salvadori na UNEB-Jacobina.

<sup>66</sup> Cartaz convite do evento.

meio da área de Estágio Supervisionado e de estudantes do curso que já atuavam/atuam como docentes na rede de educação.

O projeto também ganha fôlego por meio da inserção da turma de Letras Língua Portuguesa e suas literaturas do ano de 2013.1, cujas atividades estiveram sob a supervisão da docente Aline Nery dos Santos. Ela assumiu a vice-coordenação do projeto no ano de 2015, promovendo e fomentando as atividades junto à graduação e, ainda, junto ao curso pré-vestibular Universidade Para Todos. Essa integração possibilitou a interface com a literatura vernacular e fortaleceu o caráter intercultural e interdisciplinar do projeto.

Além dessas turmas, foram também atores e atrizes das edições do *What nós temos de Halloween?* estudantes do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (turma 2014.2), que contribuíram veiculando notícias sobre o evento em *sites* da região, fazendo a cobertura das etapas do projeto, além de promoverem intervenções artísticas na atividade de extensão.

É importante ressaltar que a condição de atores e atrizes atribuídos aos discentes dos cursos supracitados é dada em seu sentido mais prático: atuar, agir, mover-se. Nesse momento, faz-se crucial considerar a importância da monitoria no projeto de extensão. De acordo com a Resolução 1.196/2016 da UNEB<sup>67</sup>, “monitoria é uma modalidade de ensino e aprendizagem que contribui para a formação integrada do aluno nas atividades de ensino, pesquisa e extensão dos cursos de Graduação” (UNEB, 2016, p. 2). Desse modo, à medida que docentes proponham ações vinculadas a esses pilares, os estudantes devidamente matriculados em cursos de graduação da universidade, desde que atendam a outros pré-requisitos<sup>68</sup>, podem se inscrever como monitores/as dessas atividades, buscando alavancar a sua formação. No que diz respeito à monitoria de extensão, categoria do projeto aqui descrito, “é um instrumento para a melhoria do ensino, através do estabelecimento de novas práticas e experiências pedagógicas que visem fortalecer a articulação entre teoria e prática” (UNEB, 2016, p. 2).

Todas as cinco edições do projeto contaram com a monitoria voluntária<sup>69</sup> (apenas em 2017 o projeto contou com monitoria bolsista) dos estudantes dos cursos mencionados, que participaram, promoveram e registraram cada ano do projeto, das etapas iniciais até a noite de

---

<sup>67</sup> Aprova as alterações no Regulamento do Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX) e Pró-Reitoria de Extensão (PROEX).

<sup>68</sup> Em consonância com o Capítulo VI, “da caracterização”. Art. 8º da Resolução nº 1.196/2016 da Universidade do Estado da Bahia.

<sup>69</sup> Modalidade de monitoria não remunerada com bolsas destinadas a estudantes via edital específico.

culminância – que a cada edição preenchia o auditório. Isso ocorria, principalmente, devido ao trabalho realizado por esses/as discentes nas escolas da rede básica de ensino, junto a familiares, amigos/as, universidades privadas existentes em Seabra e até mesmo em carros de som, prática de difusão de informações comum na cidade.

É digno de nota que o alunado do curso de Língua Inglesa e suas Literaturas esteve a cargo da produção cultural e material das edições: pensaram e cuidaram da ornamentação do auditório Mestre Didi a cada ano de realização da noite cultural. Não apenas isso: foram cerimonialistas, com direito a caracterização com fantasias, afinal, “vivo ou morto”, todo mundo aparecia! Estiveram a frente de debates, oficinas, mediação de mesas, administração da atividade em redes sociais, além de representarem o projeto nos eventos promovidos pela PROEX<sup>70</sup>, concretizando uma participação ativa e colaborativa junto ao projeto, endossando a promoção de novas práticas de ensino e de aprendizagem da língua e da cultura do “outro”.

É importante destacar que uma dificuldade encontrada na execução do *What nós temos de Halloween?* e que nos surpreendeu foi o aspecto religioso. Alguns discentes recusaram-se a se envolver nas atividades por encararem a festividade por um viés não cristão e por isso preferiram não se envolver, principalmente na noite de culminância. A fim de garantir a laicidade da educação e respeitar a individualidade de cada pessoa, a participação não era obrigatória.

A não obrigatoriedade da participação estudantil mostrou a força do projeto. Os discentes voluntariavam-se a colaborar e, sobretudo os estudantes do curso de língua inglesa, abraçaram a proposta como uma ação anual dessa graduação. Assim, todas as informações eram democratizadas, desde a escolha do tema e o orçamento disponível para os gastos até a decoração dos espaços, a proposição de atividades, a manutenção da página virtual. Essa relação fortalecia a atuação estudantil, seu caráter como sujeitos pensantes e responsáveis pelo evento. Esse envolvimento fez com que os discentes compreendessem na prática a natureza da extensão, do ensino e da pesquisa.

### **Tessituras com as escolas e espaços de aprendizagem não formal**

---

<sup>70</sup> Participar dos eventos promovidos pela Pró-Reitoria de Extensão e pelo Departamento onde o/a professor/a proponente encontra-se lotado é umas das atividades desenvolvidas em uma ação de extensão (UNEB, 2019).

As ações de pesquisa e extensão ocorrem em articulação com as disciplinas do curso. Desse modo, as relações com os componentes curriculares, Núcleo de Estudos Interdisciplinares, Produção Oral e Escrita em Língua Inglesa e Aspectos Históricos e Culturais em Língua Inglesa foram produtivas para o aprofundamento dos/das participantes da graduação quanto às histórias do fantástico da Chapada Diamantina e do *Halloween*. Como resultado, temos os fanzines que foram criados, reescritos em língua inglesa pelos estudantes a partir da pesquisa de histórias locais, bem como a exposição *What nós temos de Halloween?* que narra os embates entre o *halloween* e o folclore nacional, demonstrando, ao final, que se aprofundar no repertório das duas festividades gerava o enriquecimento cultural.

No que tange à aproximação da comunidade seabrense, o componente curricular Estágio Supervisionado em Língua Inglesa (ESLI) revelou-se válido para que o projeto alcançasse escolas públicas da rede básica de ensino em Seabra e, ainda, espaços de aprendizagem não formal<sup>71</sup>. Na Universidade do Estado da Bahia, no curso de língua inglesa e suas respectivas literaturas, esse componente curricular é dividido em quatro etapas<sup>72</sup>, de modo que o ESLI II era destinado à prática em espaços não formais de ensino, e os ESLI III e IV, voltados para a atuação nas escolas nos níveis fundamental e médio, respectivamente.

A aproximação com esses locais, através do componente “abre portas” para a realização das oficinas e cine-debates que ocorreram “extramuros” da Universidade do Estado da Bahia, agiu também como mobilizador dos/as estudantes das escolas para a participação nas demais etapas do projeto. O trabalho bem-sucedido dos discentes da UNEB, professores/as em formação, agiu como amálgama na relação entre espaços de educação. No que tange às atividades do *What nós temos de Halloween?*, as ofertas ocorriam segundo as dificuldades e as expectativas pedagógicas colocadas pelo espaço de intervenção.

Aqui desvela-se mais um aspecto positivo da formação prevista no componente de estágio e que fora essencial para a emergência das oficinas que ocorreram nos espaços de educação em Seabra: a prática da escuta sensível, que consiste na aceitação do outro, sem julgar ou comparar, mas atento às necessidades apontadas, compreendendo o que esse outro acredita, bem como as limitações apontadas (BARBIER, 2004). Em atenção aos anseios

---

<sup>71</sup> As práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais. (GOHN, 2014, p. 41).

<sup>72</sup> Constituem campos de Estágio as instituições de direito público e privado, [...] a comunidade em geral, os próprios órgãos da UNEB de Seabra/BA, bem como projetos institucionais de ensino, de pesquisa e de extensão (UNEB, 2009, p. 4).

pedagógicos das escolas e dos espaços não formais de educação, refletindo ainda os interesses acadêmicos pessoais, os estudantes elaboraram projetos de oficinas que foram submetidos à equipe de coordenação do projeto. Dessa forma, após a aprovação, as iniciativas foram aplicadas nos espaços, em atenção às prerrogativas dos locais que nos recebiam e considerando também a prática intercultural no desenvolvimento e na aplicação da sequência didática.

Embora majoritariamente ofertadas pelos discentes do curso de língua inglesa, cabe destacar, as oficinas promovidas pelos estudantes do curso de Comunicação Social, por sua vez, foram extremamente bem recebidas por participantes do ensino médio. O mesmo destaque merece a oficina de *cosplay*, promovida pela estudante do curso de Letras Língua Portuguesa e suas Literaturas da UNEB/Irecê a convite da vice-coordenação do projeto. Essa oficina causou grande expectativa para o público da educação básica, que esteve no espaço da Universidade do Estado da Bahia para participar da atividade.

Assim, nas unidades escolares públicas da rede básica de Seabra, foram elaboradas e aplicadas as seguintes oficinas/atividades:

- a) *Cine-Halloween*: Animais fantásticos e onde habitam;
- b) Faces de Frankenstein;
- c) Interfaces Macabras – era uma vez, um felizes para sempre;
- d) Conto de fadas – personagens reescritas por Ângela Carter.

Em espaços de educação não formal, em Seabra, as práticas desenvolvidas foram:

- a) Brincando se aprende! Um comparativo entre o *Halloween* americano e o folclore brasileiro – oficina ministrada para crianças;
- b) Oficina de vídeo O sujeito pós-massivo e a produção de conteúdo autônoma.

Oficinas realizadas na UNEB/Seabra, com a participação de estudantes das escolas públicas da rede básica do município, estudantes dos cursos da instituição e estudantes do programa Universidade Para Todos (UPT):

- a) A paródia do gótico sob a luz do romance *A Abadia de Northanger*, de Jane Austen;
- b) 200 anos de *Frankenstein*: o legado cultural;
- c) *Creepypasta*/terror;
- d) Fotografia digital: as possibilidades do uso do celular para congelar o tempo;

- e) Oficina de *cosplay*;
- f) Se não há magia, há regras: citação e formatação de textos científicos.

### **Considerações finais**

Um importante aspecto do projeto *What nós temos de Halloween?* foi a integração da comunidade acadêmica, bem como da comunidade seabrense. Estudantes dos diferentes cursos existentes no *campus* participaram das atividades do projeto, propuseram e promoveram ações dentro dele. A cada ano, o auditório Mestre Didi abrigava novas faces, demonstrando que a aproximação com a comunidade também estava ocorrendo, sobretudo por intermédio das oficinas e cines desenvolvidos tanto nas unidades escolares com em outros espaços em Seabra.

Percebeu-se, ao final do projeto, que seus objetivos foram alcançados. O conhecimento da cultura, local e do “outro”, o mergulho teórico por parte dos estudantes, o incentivo às pesquisas e às ações voltadas para práticas interculturais em sala de aula. A Chapada Diamantina, desde a primeira edição, foi a inspiração, o ponto de partida para as atividades do projeto de extensão *What nós temos de Halloween?* Nesse sentido, foram pesquisados o imaginário de horror nacional e local através das lendas, ao passo que debatemos a cultura de países de língua inglesa que celebram o *halloween*. O nosso maior ganho foi o conhecimento/enriquecimento cultural, pensando o aqui e o que vem de fora. Em adição, a literatura como tema gerador refratou-se desde as atividades promovidas até as inspirações para as ornamentações. Sobre estas, é importante destacar a presença de elementos das culturas envolvidas como forma de refletir aspectos positivos do hibridismo cultural.

O contato entre departamentos da UNEB, através da participação de docentes e discentes, foi relevante para oxigenar as ações do projeto, ampliar as ideias e os saberes adquiridos. A aproximação com outra ação de extensão, o #Leia mais mulheres fortaleceu a atividade no sentido de promoção da literatura nos espaços da rede pública básica de ensino. A experiência serviu, ainda, para refletir sobre formas de inserção da literatura não só como ponto de estudo cultural e social mas também como meio de desenvolver habilidades comunicativas e interpretação literária. Essa abordagem contribui, portanto, para a criação de alternativas de aulas de língua inglesa contextualizadas com os objetivos de ensino e aprendizagem dos/as aprendizes, que favoreçam o aprofundamento entre culturas de países falantes de língua inglesa

e que ultrapassem o eixo Estados Unidos e Grã-Bretanha, mas que também promovam o conhecimento e valorização das marcas culturais do sujeito que aprende a língua.

Narrar essa história, além de publicizar uma ação com protagonismo estudantil, deseja fomentar a integração entre a universidade e a comunidade, destacando, aqui, a escola pública da educação básica. Isso porque, ao passo que a universidade se apresenta nesse espaço, o público desse lugar passa a se interessar em estar na universidade. Sobretudo em cursos de licenciatura, esse diálogo fortalece a formação docente, pois, ao abrir suas portas, as escolas permitem-nos conhecer as suas realidades, suas peculiaridades, bem como os conhecimentos valorizados pela comunidade desse ambiente, os quais, por sua vez, extrapolam o que está no currículo e o que é narrado nos livros de metodologia do ensino de língua inglesa.

## Referências

ALI, Sheeraz; KAZEMIAN, Bahram; MAHAR, Israr Hussain. The importance of culture in second and foreign language learning. *Dinamika Ilma*, Journal of Education, Indonesia, v. 1, n. 15, p. 1-10, 2015. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1121920.pdf>. Acesso em: 5 maio 2020.

ANIMAIS FANTÁSTICOS e onde habitam. Direção: David Yates. EUA: Warner Bros, 2016. (133°min).

BAHIA. Secretaria da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio : linguagens**. Salvador: Secretaria da Educação, 2015. Disponível em: <http://escolas.educacao.ba.gov.br/orientacoescurricularesestaduais>. Acesso em: 14 maio 2020.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Líber Livro, 2004.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf). Acesso em 14 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2017. Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 maio 2020.

BYRAM, Michael; GRIBKOVA, Bella; STARKEY, Hugh. **Developing intercultural dimension in language teaching: a practical introduction for teachers**. Strasbourg: Council of Europe – Language Policy Division, 2002. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Developing-the-Intercultural-Dimension-in-Language-Byram-Gribkova/1ccab0e327a3401e30ac148fdb351723077a4173>. Acesso em: 28 abr. 2020.

BYRAM, Michael; GRUNDY, Peter. **Context and culture in language teaching and learning**. Clevedon: Multilingual Matters LTD, 2003. Disponível em: [https://www.academia.edu/32532198/Context\\_and\\_Culture\\_in\\_Language\\_Teaching\\_and\\_Learning](https://www.academia.edu/32532198/Context_and_Culture_in_Language_Teaching_and_Learning). Acesso em: 28 abr. 2020.

CORBETT, John. **An intercultural approach to English Language Teaching**. Clevedon: Multilingual Matters LTD, 2003. Disponível em: <https://mafiadoc.com/an-intercultural-approach-to-english-language-5987b8171723ddcd69887d2a.html>. Acesso em: 28 abr. 2020.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação: Educação não Formal e Aprendizagens Informais**, Campinas, v.1, n. 1, p. 35-50, jan. 2014. Anual. Disponível em: <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index/.php/ie/article/view/4/4>. Acesso em: 6 maio 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LEWIN, K. **Problemas de dinâmica de grupo**. São Paulo: Cultrix, 1978.

LIGÉIA. Direção: Michael Staininger. Produção: Jeff Most. EUA: Universal Pictures, 2009. (86°min).

MARIZ, Josilene Pinheiro. **O texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE)**. 2008. 286 f. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. Disponível em: <https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/04/Cole%C3%A7%C3%A3o-Primeiros-Passos-O-Que-%C3%A9-Cultura.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2020.

TODOROV, Tzevetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2260559.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Resolução nº 2.018/2019, de 3 de setembro de 2019**. Aprova o Regulamento das Ações de curricularização da Extensão nos cursos de graduação e pós-graduação ofertados pela UNEB e dá outras providências. Salvador: CONSEPE, 2019. Disponível em: <https://portal.uneb.br/conselhos/wp-content/uploads/sites/103/2019/10/2018-consepe-Res.-Regulamento-Curriculariza%C3%A7%C3%A3o-da-Extens%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Resolução nº 1.196/2016, de 31 de março de 2016**. Aprova as alterações no Regulamento do Programa de Bolsa de Extensão (PROBEX). Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). Paulo Afonso: CONSU, 2016. Disponível em: [https://portal.uneb.br/conselhos/wp-content/uploads/sites/103/2020/03/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-1196\\_2016.pdf](https://portal.uneb.br/conselhos/wp-content/uploads/sites/103/2020/03/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-1196_2016.pdf). Acesso em: 23 abr. 2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Regimento Geral da Uneb**. Salvador, 2012. Disponível em: <https://portal.uneb.br/conselhos/wp-content/uploads/sites/103/2019/02/Regimento-Geral-da-UNEB-1.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Regimento de Estágio Curricular dos Cursos de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e suas Literaturas e Letras - Língua Inglesa e suas Literaturas**. Seabra, 2009.